



MEMÓRIA E CENOGRAFIA NO PACTO DE LAUSANNE 1974

Alexandre Ribeiro Lessa¹
Edvania Gomes da Silva²

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar parte do Pacto de Lausanne, texto produzido ao final da Conferência Mundial de Evangelização (1974) em Lausanne, na Suíça, verificando de que forma a memória atravessou o referido documento, (re) configurando os efeitos de sentido e os efeitos de memória. Trata-se de responder a seguinte questão: de que forma a memória (re) configurou diferentes efeitos de sentido (discursos) no documento Pacto de Lausanne, produzido durante o Congresso Internacional de Evangelização Mundial (1974)?

A partir da descrição dos dados selecionados e catalogados, verificamos que, durante o Congresso Internacional de Evangelização Mundial (1974), um grupo de lideranças evangélicas sul-americanas, representados por René Padilla e Samuel Escobar, ganhou notoriedade e proeminência, o que culminou com a elaboração de um documento que buscava afirmar questões vinculadas ao marxismo na prática do evangelismo cristão protestante. O referido congresso foi realizado em Lausanne, na Suíça, nos dias 16 a 25 de julho de 1974, nas dependências do *Palais de Beaulieu*. A reunião foi convocada por uma comissão presidida pelo Rev. Billy Graham, um proeminente pastor batista norte americano, e amplamente divulgada pelo pastor anglicano John R. W. Stott. O evento contou com a presença de mais de 2.300 líderes evangélicos, oriundos de cerca de 150 países representantes de inúmeras denominações protestantes.

Com o tema, “deixe a terra ouvir sua voz”, o evento ocorreu da seguinte forma: os líderes evangélicos participaram de sessões plenárias e estudos bíblicos, bem

1 Doutorando em Memória: Linguagem e Sociedade (Memória e Discurso Religioso em Diferentes Narrativas) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil). Membro do Laboratório de Pesquisa em Análise de Discurso (LAPADis). Endereço eletrônico: alexandrelessa@gmail.com

2 Doutora em Linguística pela Pós-doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente, é Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Bahia, Brasil. Docente do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (CAPES / UESB) e docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (CAPES / UESB). Endereço eletrônico: edvaniagsilva@gmail.com



como de discussões e debates sobre a teologia, estratégia e métodos que deveriam ser empregados na prática do evangelismo entre as igrejas protestantes. O encontro produziu um documento chamado *Pacto de Lausanne*, uma declaração que haveria de definir necessidades, responsabilidades e objetivos da difusão do evangelho.

Diante do exposto, interessa-nos identificar quais discursos estão materializados no referido *corpus*, isto é, no Pacto de Lausanne. A hipótese do trabalho é a de que os discursos materializados no material analisado se vinculam tanto ao discurso marxista quanto ao discurso religioso, estando ligados a certa *memória discursiva*, a qual determina o que tais grupos (marxistas e evangélicos protestantes) podem e devem dizer, bem como o que eles não podem e não devem dizer.

METODOLOGIA

Segundo Maingueneau (2011, p.85), “um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada”. Nesse sentido, quem lê um determinado texto, encontra-se imediatamente envolvido em três cenas: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia.

A primeira cena proposta por Maingueneau é a *cena englobante*, que corresponde ao tipo de discurso - religioso, político, jurídico -, ou seja, esta cena é aquela na qual é preciso que o coenunciador se situe para interpretá-la, identificando em nome de que o texto interpela o leitor e em função de qual finalidade o texto foi organizado.

A segunda cena é a *genérica*, que diz respeito aos gêneros de discurso ligados ao campo no qual o texto foi produzido, ou seja, aqueles relacionados às esferas nas quais os textos circulam. Na esfera política, há, por exemplo, os panfletos, os santinhos, etc., os quais definem os papéis de cada enunciador: num panfleto de campanha eleitoral, por exemplo, trata-se de um “candidato” dirigindo-se a “eleitores”.

A *cenografia*, por sua vez, é a forma como o texto se inscreve, como o texto se mostra, ou seja, é a cena construída no/pelo texto, por meio de cenas que fazem parte da memória dos leitores, que eles (re) conhecem como, por exemplo, uma conversa familiar, a participação em um culto religioso, etc.

A cena englobante e a cena genérica “definem conjuntamente o que poderia ser chamado de quadro cênico do texto [...] define(m) o espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido – o espaço do tipo e do gênero do discurso” (MAINGUENEAU,



2011, p.86-87), gerando assim uma espécie de enlaçamento paradoxal, pois não é diretamente com o quadro cênico que se confronta o leitor, mas com uma cenografia que, por sua vez, leva o quadro cênico a se deslocar para o segundo plano, pois, o coenunciador, inicialmente, tem contato apenas com a cenografia, e desta forma:

Todo discurso, por sua manifestação mesma, pretende convencer instituindo a cena da enunciação que o legitima. O leitor deve aceitar o lugar que lhes é consagrado na cenografia e isso implica em assumir riscos. A cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário, como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele: é a enunciação, que ao se desenvolver, esforça-se para construir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala (MAINGUENEAU, 2011, p. 87).

Ademais, a cenografia tem uma dupla função, pois ao mesmo tempo que é a fonte do discurso, também é aquilo que ele engendra, e deste modo, ela “determina um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la” (MAINGUENEAU, 2011, p. 87).

Para Maingueneau (2011), existem discursos que são propícios à diversidade de cenografias, como é o caso do discurso político, pois um determinado candidato pode falar aos seus eleitores a partir de diferentes cenas. Além disso, uma cenografia pode apoiar-se em cenas validadas, ou seja, cenas que já fazem parte da memória coletiva. Assim, “o repertório de cenas validadas disponíveis varia em função do grupo visado pelo discurso: grupos religiosos possuem memória própria e com cenas supostamente compartilhadas” (MAINGUENEAU, 2011, p.88).

Com base no exposto, entendemos que durante Congresso Internacional de Evangelização Mundial (1974), na redação e divulgação do documento Pacto de Lausanne, que seria uma declaração de propósitos (cena genérica) vinculada ao discurso religioso (cena englobante), houve a tentativa de buscar adesão dos pactuantes e demais leitores futuros aos postulados do documento, por meio da construção de uma cenografia muito conhecida, compartilhada e de grande peso para as denominações cristãs protestantes: um Credo, uma Confissão de Fé ou um Pacto.

Interessa-nos também neste trabalho o conceito de *Lugares de Memória Discursiva*. Mobilizando os conceitos de *lugar de memória*, de Nora (1984); *domínio de memória*, de Foucault (1969); e *memória discursiva*, de Courtine (1981), Fonseca-Silva (2007) postula o conceito de *lugar de memória discursiva* e, assim, analisa o simbólico como um lugar de reprodução e preservação de memória (s). Fonseca-Silva (2007, p.25) afirma ainda que as mídias funcionam como lugares de construção de memórias na sociedade contemporânea



e, dessa forma, contribuem para a apropriação de um real fragmentado e disperso, bem como de um imaginário que se confunde com o próprio real nas materialidades significantes verbais e não-verbais. Nesse sentido a autora pesquisa os anúncios publicitários como espaço simbólico de significação, ou seja, como lugares de memória discursiva e social, em que há interação e, portanto, construção/reconstrução da memória. Com base no exposto, entendemos que o Pacto de Lausanne (1974) funciona como um lugar de memória discursiva em uma instância em que determinados enunciados aparecem, desaparecem e reaparecem, de acordo com o jogo de interesses dos grupos. É dessa forma que, no Pacto de Lausanne, o discurso religioso entrelaça-se ao marxismo produzindo diferentes efeitos de sentido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O documento em si do Pacto de Lausanne (cf. Figura 3) foi distribuído no tamanho de uma folha de papel A3 branca, fonte Times New Roman, tamanho 12. Na parte superior esquerda, no cabeçalho, o horário, dia, mês e ano do evento, a saber 19:00 horas, quarta-feira, dia 24 de julho de 1974.



Figura 1: Subscrição/Assinatura do Pacto de Lausanne



Figura 1: Subscrição/Assinatura do Pacto de Lausanne

Em relação aos diversos textos, não sendo o texto do Pacto de Lausanne um conjunto de signos inertes, mas sim o rastro deixado por um discurso em que a fala é



encenada, podemos identificar, no referido documento, as três cenas, apresentadas por Maingueneau (2011), englobante, genérica e cenografia, as quais passamos a explicitar em seguida. Assinam o Pacto de Lausanne, na *figura 1*, dois proeminentes representantes do protestantismo da época, Rev. Billy Graham, pastor batista norte-americano, conselheiro de vários dos presidentes dos Estados Unidos da América (EUA), considerado como o mais proeminente membro da Convenção Batista do Sul dos EUA. Graham é tido por muitos como um dos maiores evangelistas de todos os tempos entre os protestantes históricos, famoso por suas cruzadas evangelísticas, que alcançaram milhões de pessoas, e por seu programa de televisão que alcançou bilhões de telespectadores. Além de Graham, o pastor britânico John Robert Walmsley Stott, muito respeitado por seu vasto conhecimento teológico.

A primeira cena, ou cena englobante, diz respeito ao tipo de discurso, que, no caso do documento sob análise, é o discurso religioso, já que o referido documento tem por finalidade conduzir a igreja protestante à determinada prática da evangelização. A segunda cena, que é a cena genérica, e que diz respeito aos gêneros dos discursos particulares, apresenta, ao coenunciador, no caso do Pacto de Lausanne, uma declaração de preceitos e objetivos. A cenografia do texto, que diz respeito à forma como o texto se inscreve, é a de um Credo, ou Confissão de Fé, ou seja, uma comunicação autorizada pela igreja e devidamente comunicada aos fiéis que, supostamente, expressa a verdade bíblica elaborada, não por particular elucidação, mas por um conjunto de especialistas naquela(s) determinada(s) área de conhecimento bíblico, produzindo um *efeito de verdade*. Por isso mesmo, esse documento “deve” ser subscrito e ensinado pelas autoridades da igreja. Por meio da assinatura do documento, por parte dos presentes, o jogo entre memória e acontecimento, retoma o discurso da celebração de um compromisso contratual, e que, portanto, não deve ser quebrado por motivações secundárias. Nesse sentido, quando o coenunciador, e agora signatário, aceita o lugar contratual/pactual que lhe é consagrado na cenografia, ele assume as disposições do texto, que passam a ser vistas tanto como verdadeiras, e também como compromissos assumidos pelos seus signatários. Além disso, a cenografia apresentada materializa um discurso segundo o qual existe um consenso no texto do Pacto de Lausanne.

CONCLUSÕES



A cenografia do Pacto de Lausanne, o qual é apresentado na forma de uma confissão de fé, visa conduzir o coenunciador a certas práxis, por meio de determinada memória ligada ao discurso religioso. O efeito de sentido da cenografia funciona também, por meio da memória, como um *efeito de verdade*, quando o pacto é assinado pelos mais proeminentes representantes da teologia e do evangelismo protestante da época. Por fim, a cenografia também remete o coenunciador aos ideais de compromisso com Deus, compromisso com a igreja, por meio de um contrato firmado, indicando que o descumprimento é interpretado como uma espécie de pecado, que por sua vez, gera desagrado à divindade, uma vez que esta preza pela verdade e cumpre fielmente as promessas e pactos que assume. Por meio da assinatura do Pacto, o coenunciador torna-se um signatário, gerando os efeitos de sentido de concordância, submissão e unicidade.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Memória Discursiva. Lugar de Memória Discursiva. Cenografia. Efeitos de Sentido.

REFERÊNCIAS

FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. Mídia e Lugares de Memória Discursiva. In: **Mídia e Rede de Memória**. Maria da Conceição Fonseca-Silva e Sírio Possenti (orgs). Vitória da Conquista, Edições UESB, 2007, p. 11-37.

MAINGUENEAU, Dominique. (2011). A cena de enunciação. In: **Análise de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo, Cortez, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia e incorporação. In: Amossy, R. (Org.). **Imagens de si no discurso**. Trad. Dilson F. da Cruz; Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.